

MAIS UM AUGMENTO



O ministro da fazenda ao moageiro:

—E' preciso proteger a agricultura e por isso levanto cinco réis de direitos em cada kilo de trigo. O dinheiro é para o thesoiro, mas a protecção é para a agricultura...



O moageiro, ao padeiro:

—Vejo-me obrigado a augmentar-lhe oito réis em cada kilo de farinha—só mais tres réis do que me augmentou o thesoiro.



O padeiro ao consumidor:

Tenha paciência, mas o pão agora augmentou mais treze réis em kilo. O moageiro augmentou oito...



O consumidor mendigo, ao bemfeitor:

—Dê-me quinze reisinhos para um quarto de pão, visto não haver já quem os venda a dez réis... E' mais um pataquinho em cada kilo...

RESUMO

O governo augmentou 5—O moageiro augmentou 8
—O padeiro augmentou 13—O pobre pedinte augmentou 40.

Quem augmentou consideravelmente mais foi o pobre.

E ainda os pobres se queixam!

Raphael Bordallo Pinheiro

Vae em cerca de 15 dias que uma dolorosa enfermidade, salteando o nosso querido companheiro de trabalho e insubstituível director dos *Pontos nos II*, veio privar temporariamente esta folha do brilhante espirito que a illumina e alvoroçar sinceramente quantos conhecem e apreciam o singular talento e o impolluto character de Raphael Bordallo Pinheiro.

Fazendo os mais ardentes votos para que se não dilate o completo restabelecimento do nosso querido amigo, agora em bom caminho, não fazemos mais de que repetir, estamos certos, o ardente empenho de milhares e milhares de pessoas.



Por ahí...



Lisboa, nos ultimos dias, tem estado um deserto.

Com algumas ruinas, algumas campas sem ossos e ao fundo Jerusalem, ficava sendo exactamente as paragens sem conforto onde se estende o mar Morto e onde serpeia o Jordão, de que falla a *Judia* do sr. Thomaz Ribeiro.

A febre da villegiatura atacou o indigena n'uma temperatura de 40 graus.

O indigena vae para Bellas ao Senhor da Serra, vae para Cacilhas á Senhora do Cabo, vae para Cintra á toirada, vae para as Caldas ás cavacas, vae para toda a parte e a tudo, religioso ou secular, espiritual ou carnal, comtanto que saia de Lisboa, que corra a via sacra, por mar ou por terra, não fazendo questão de via, seja via ferrea, via secca ou via humida, seja qual fór, em summa, o systema de via... ção, como diria aquelle sujeito que todos nós conhecemos.



Totalmente dominado por esta preocupação de villegiatura, o indigena não pensa em mais coisa alguma, e é com um espanto enorme que elle todos os dias vê nas folhas periodicas a discussão cheia de calor travada entre uns sujeitos que se fingem muito interessados pela questão do pão, quando na verdade esse interesse apenas deriva da falta absoluta de outro qualquer assumpto que desse materia para entreter por duas semanas a curiosidade soffrega do leitor.

Apparecesse ahí outro Sorianno a tasquinhar bochechas de guardas fiscaes como quem saboreia queijadas da Sapa; surgisse um novo Custodio tão refractario á custodia que a policia se desse a perros para custodial-o; publicasse o sr. bailio a 2.ª edição do seu poema lyrico-marcial da travesa da Espera, e vós verieis o que era ninguem mais fallar do pão, atirando-se todos como lobos ao Sorianno, ao Custodio e ao sr. Bailio—com grande gaudio para a pessoa d'este ultimo.



O pão está banido das conversações intimas—o que que não quer dizer que succedesse o mesmo ao *pão-sinho*, que é pelo contrario parte obrigatoria em todo o genero de conversação.

Dê que toda a gente se occupa nos cavacos intimos, nas caturreiras do café, nas palestras dos americanos, é dos meios de viação de que Lisboa já está dotada e d'aquelles que brevemente lhe caberão em dote.

O projecto da ponte sobre a Avenida traz louca de contentamento toda a cidade.

Elle é graça! Uma ponte de S. Pedro d'Alcantra á Graça e feita de graça, n'um paiz onde as pontes sobre os rios costumam costar rios de dinheiro, é caso para rendermos graças ao Altissimo do alto da ponte da Graça!

A ponte da Graça vae sobretudo utilizar á procissão dos Passos da Graça, que assim virá directamente da Graça para S. Roque e vice-versa, sem apanhar a estafa a que a obrigava o antigo itinerario.

Só então a procissão dos Passos poderá com propriedade chamar-se *dos Passos*, por isso que com poucos passos será feita, ao passo, que o trajeto até hoje feito a passo, mais direito lhe dava a denominar-se procissão da legua...



A ponte sobre o Tejo já tem dois competidores e um d'elles declarou que, se o não deixarem fazer a ponte por cima do Tejo, fará por baixo do mesmo Tejo um tunnel que dê tão commoda passagem como a ponte e sem o inconveniente de se cahir ao rio — pelo menos emquanto se não descobri o processo de cahir para cima...

O homem está na resolução inabalavel de fazer por cima ou por baixo seja o que fór, tunnel ou ponte, que nos habilite a atravessarmos o Tejo a pé, sem dependencia de botas de cortica.

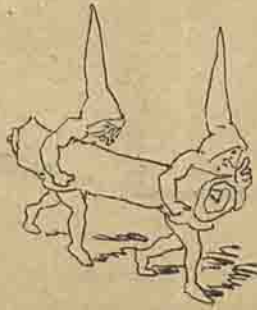
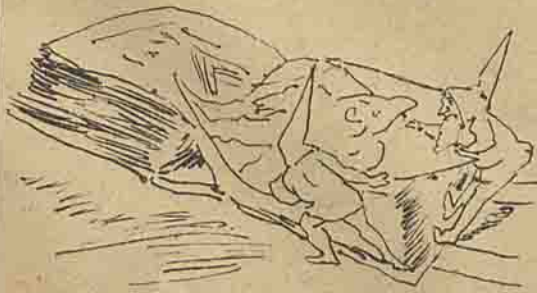
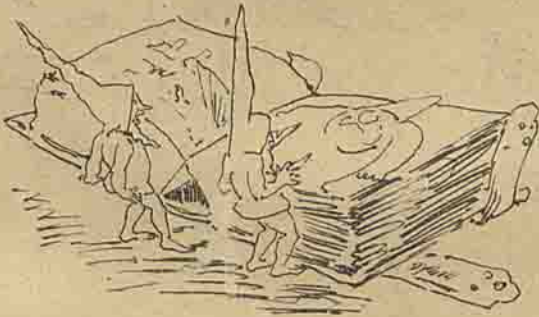
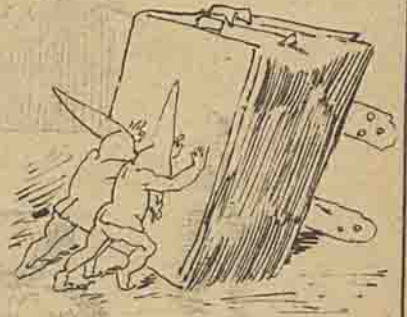
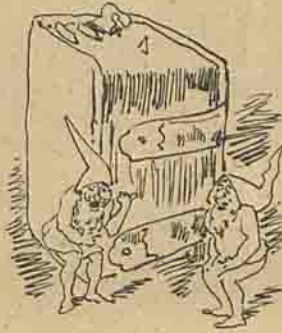
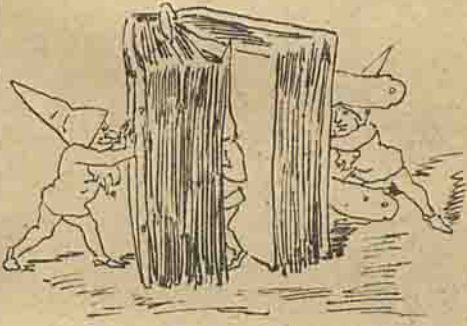
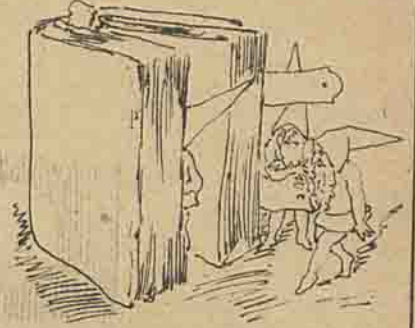
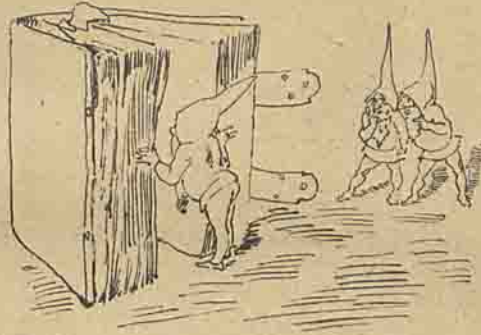
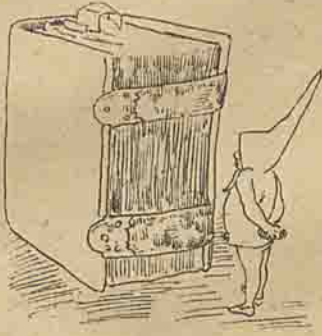
E é n'isso que Lisboa... sa, é d'isso que Lisboa trata, sem lhe importar o preço do pão, porque a grande preocupação do indigena n'este momento é journadar e journadar por todas as fórmulas possiveis, quer em pontes, por cima da terra, quer em tunneis, por baixo da mesma, comtanto que não tenha de o fazer pelo meio normal, que é andar pela propria terra, porque esse meio está recóco e fastidioso, como os antigos meios de comunicação, agora em desuso, desde que se fez a descoberta de fallar ao telephone...



Para F. T. de L.

CONTOS MUDOS

Os trez gnomos



A QUESTÃO DO PÃO



Gustavo Bordinho inj.

O jornalista grita, berra, descompõe, escreve com a penna molhada em fel contra o aumento do preço do pão, desesperado, enraivecido, faiscante, ameaçador, na defeza santa — diz elle — do pobre povo que sofre e geme!

O povo, deitado á sombra da indiferença, nem deu por semelhante aumento — e se deu não se lhe dá — por isso responde á berrata do jornalista:

— Essa não está má! Então eu é que pago, e v. s.* é que bufa?! . . .



Perguntas e respostas

Com referencia á pergunta do nosso ultimo numero recebemos as duas seguintes respostas:

«Qual é a coisa, qual é ella?»
Eu digo-o já n'um instante
O que mata é, sem questão,
A divida fluctuante!

Acertei? Dizer não posso;
Pan-Tarantula o dirá.
Entretanto cá espera
A resposta o seu

Valença do Minho, 24 d'agosto de 1888.

PACHA.

Essa entidade abstracta
Cheirando a carnificina,
Que n'uma lida insensata
Menos faz quando mais mata
Será accaso a Medicina?

Vel-a-hão da faina ingente,
Ella que não usa escudo,
Depôr as armas clemente,
Mas... p'la razão convincente
De ter morto tudo, tudo!

Porto

M. CACIR.

Nem um nem outro deu no vinte.

A tal coisa, que, quanto mais mata, com mais difficuldade vae matando, chegando á afinação de não matar por já ter matado muito, é o

Mata-borrão.



Neerologio

O *Grillo*, um jornalecosinho que passou a vida a prognosticar a nossa morte, acaba de entregar a alma ao creador dos brutos.

Que o estrume lhe seja leve.



Hora de Portas



A sociedade elegante diverte-se nos saloios.

As festas em Cintra succedem-se como os pinhões n'uma enfiada.

Sua alteza o principe regente, apesar de habitar a quinta do Relogio, já não sabe ás quantas anda na conta dos divertimentos.

E' toiradas, é batalhas de flores, é bailes, é uma roda viva de divertimentos na

roda dos afortunados que andam na roda da fortuna—com excepção apenas do Antonio Ignacio da Fonseca, apesar de andar sempre na roda da ultima, sendo o primeiro na roda dos primeiros.



A predilecção do principe regente pelas toiradas—que foram o ideal do celebre cavalleiro Batalha—adjunta á sympathia de sua alteza pelas batalhas de flores, podem fornecer-lhe um cognome floro-tauro-machico, que faça inveja a todos os cognomes dos seus illustres antepassados.

Assim como a D. Diniz chamaram o *Layrador*, por ser muito dedicado ao desenvolvimento dos nabos e das nabicas do seu tempo, e ao D. Fernando cognominaram de o *Formoso*, por ter um palminho de cara que inveja faria á do Palermo de Faria, assim tambem ao sr. D. Carlos, visto a sua predilecção pela arte do Batalha e o seu enlevo de batalhar com flores, poderão os povos do futuro e a Historia de Portugal do sr. João Felix Pereira vindouro, denominar—D Carlos o *Batalha das flores*.



Se Cintra esteve de gala com o baile do príncipe regente, pode afoitamente dizer-se que a Ericceira, se não chegou a estar de gala, esteve ao menos de galinha com o jantar offerecido pelo sr. Peito de Carvalho ao sr. ministro na fazenda.

O sr. Peito tomára a peito offerecer um jantar de respeito ao sr. Marianno de Carvalho, por dois motivos: 1.º, porque o coração que faz no peito do sr. Peito o mesmo que o Pirolito fazia não sabemos aonde, bate que bate pelo sr. Marianno.

2.º porque os liga a ambos, como Carvalhos, uma especie de solidariedade botânica, que muito convinha firmar ao altar da meza, ante a respeitabilissima intervenção do sacerdocio culinario.

É assim se fez a coisa.



O povo da Ericceira, vendo no seu seio dois Carvalhos d'uma assentada—sem metter em linha de conta o carvalho velho (*vieux chêne*) da mobilia da casa de jantar—o povo da Ericceira pôde dizer-se sem rebuço que ficou *encarvalhoado* para todos os dias da sua vida...

A egualdade do appellido Carvalho fez com que de principio se dessem alguns *qui-pro-quo*s entre os criados que serviam a mesa.

Assim, por exemplo, um serviçal muito bem fallante, dirigiu-se ao sr. Peito de Carvalho de champagne engatilhado (o criado é que tinha o champagne engatilhado)

—V. ex.ª quer que lhe ministre...

O sr. Peito enrugou um sobrolho como um matagal e disse para o criado:

—Por quem me toma?!

—Eu não tomo a v. ex.ª... pergunto se toma alguma coisa... se quer que lhe ministre...

—Está enganado: eu não tenho a honra de ser ministro... Se tem alguma coisa para ministrar falle aqui ao sr. ministro da fazenda.

Foi d'essa occasião que os serviçaes adoptaram, para

distinguir os dois Carvalhos, chamar a um Carvalho da fazenda e ao outro Carvalho do peito.

Digamos em abono da verdade que as damas Ericceirenses, apesar da figura desempenada e mais partes que concorrem na pessoa do sr. Carvalho do peito prestaram d'esta vez mais attenção ao sr. Carvalho da fazenda.

Honni soit qui mal y pense.



Reclamação

A nossa secção *Por ahi*, do ultimo numero, terminava por um *suelto*, ou como queiram chamar-lhe, do merecimento de tantos outros que de quando em quando nos gozejam no miolo até formarem stalactite.

Não sabemos porque, esse *suelto* deu no gotto a um redactor do *Correio da Manhã*, a quem particularmente o referimos e que o publicou em aquella illustrada folha, indicando-lhe a proveniencia, com o que muito nos encheu de orgulho.

Passaram cinco ou seis dias, e o mesmo *suelto* apparece agora no *Diario Illustrado* de terça feira, emoldurado na secção *A' roda do Figaro*.

D'ahi concluimos que o *Diario Illustrado* o traduziu do *Figaro*, que previamente o traduzira da nossa humilde folha.

Se o *Diario Illustrado*, antes de ler o *Figaro*, tivesse passado a vista pelos *Pontos nos II*, ter se-hia poupado a massada de ir buscar ao estrangeiro o que nascera cá na terra, poupando-se a injustiça de attribuir a um dos mais brilhantes jornaes parisienses o que de direito pertencia á mais modesta folha da rua do Norte n.º 39 1.º andar (onde das 10 da manhã ás 9 da noite se recebem assignaturas a 2600 annuaes e annuncios a 20 reis a linha.)

NO CROCKET

UMA BOA TACADA



(Segue na ultima pagina)

O parceiro: — A encarnada é do adversario. Fóra com ella! Atire-a para bem longe!

(Concluido da pagina antecedente)



— Força! Ah! está... nos queixos do parceiro.



Elle: — Ai! o meu rico narizinho da minh'alma!

Ella: — Quem o inimigo poupa nas mãos lhe morre... Agora é que vai... no meu callo n." 27!!!



Alfredo Bordini

Os parceiros, em côro: — Maldito chrochet!

Os adversarios, em côro: — Surriada! surriada!...

Moralidade

«Ninguém faça o mal á conta de que lhe venha o bem.»